

2008 - Combate à pobreza e à fome passa pelo quê?

Combate à pobreza e à fome passa pelo quê?

por: Eugénio Costa Almeida©

Sim à "exploração de biocombustíveis no país, desde que esta indústria não colida com o programa do Governo de combate à fome e à pobreza". Esta é uma das afirmações do presidente Armando Guebuza, que adiantou, e pertinentemente, que a matéria-prima para os biocombustíveis devem ser cultivadas em terrenos menos férteis. Sim aos subsídios aos "chapas" porque o povo passa por dificuldades financeiras e, a fazer fé nas palavras acima, fome. Mas não pode esquecer os transportes colectivos inter-regionais e inter-cidades ou continua tudo na mesma e lá se vai o programa do Governo de combate à fome e à pobreza. Sim ao desenvolvimento económico do País e a consolidação da iniciativa privada mas, minimizem o aumento do pão, porque o povo não pode passar fome e isso contraria o programa do Governo de combate à fome e à pobreza. Sim à Livre Concorrência, em 2008, à União Alfandegária em 2010, ao Mercado Comum em 2015 e à União Monetária (qual?), em 2018, tal como prevê o Acordo de Comércio Livre da SADC, mas não tentem pôr em causa o programa do Governo de combate à fome e à pobreza. Sim ao combate às cheias, à erradicação das doenças, à saída dos lavradores das machambas da orla fluvial, ao apoio das vítimas, mas lembrem-se que se não houver cheias e lavradores junto das férteis águas fluviais, mesmo que possam morrer, não vamos ter condições para implementar o programa do Governo de combate à fome e à pobreza e isso não permitiremos. Sim à liberdade sindical dos trabalhadores moçambicanos, mas quem põe em causa o programa do Governo de combate à fome e à pobreza é um miserável reaccionário e isso não será permitido; mesmo que os trabalhadores evoquem, naturalmente, o elevado custo de vida e, por esse facto, revolucionariamente queiram melhores condições sociais e laborais. E se dúvidas há quanto ao fracasso do actual programa do Governo de combate à fome e à pobreza basta ver como os "reclamantes"; têm sido tratados por administradores locais e regionais e como a PIR tem sido sistematicamente chamada para abafar os protestos. E eles não se têm confinado a Maputo. Xinavane (Manhiça), na província de Maputo (sul), Chókwe e Chibuto, (província de Gaza) e Inharime, (província de Inhambane) também têm sido palco de convulsões sociais. Talvez que o programa do Governo de combate à fome e à pobreza passe não pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores mais pobres moçambicanos mas pelo crescimento hoteleiro e turístico que grupos internacionais estão a levar a efeito no país como o holandês African Riviera que quer investir 223 milhões de euros na construção de dois hotéis na Ilha de Moçambique — por acaso um quase património mundial —, província de Nampula (Norte), um dos quais uma unidade hoteleira flutuante de cinco estrelas, ou a "holding" estatal Dubai World que pensa investir cerca de 200 milhões de dólares no Bilene, onde deseja construir vai construir um hotel de cinco estrelas e cabanas de praia e apartamentos bem como um campo de golfe de padrão internacional, que serão servidos por um aeroporto próprio(!). Mas será que tudo isto não vai um pouco mais longe? Segundo confidências de fontes do Moçambique profundo e recebidas via e-mail, acreditam que estas convulsões são resultados de divisões entre a Frelimo e o presidente Guebuza. Uns e outros querem cimentar as suas posições antes das próximas eleições e não ficarem dependentes da oposição que se mantém, tal como em outros países lusófonos, muda, queda e simpaticamente expectante. Talvez que esperem que o programa do Governo de combate à fome e à pobreza passe não pelos biocombustíveis, não pelo bom aproveitamento dos recursos hídricos e agrícolas, não pelo desenvolvimento do turismo, mas por apoios, subvenções e donativos dos misericordiosos doadores. Ou, então, esperam que depois das convulsões a CPLP os vá ajudar mesmo que quase um mês depois de tudo acabar. É bom, definitivamente, que os moçambicanos, os lusófonos, em particular, e os povos africanos em geral, se capacitem que nada é dado sem interesse. Por cada doação recebida uma boa parte do programa do Governo de combate à fome e à pobreza, ou de qualquer outro programa ou Governo, vai-lhes parar sempre, directa ou indirectamente, às suas mãos. Vamos acreditar que Guebuza conseguirá que o programa do Governo de combate à fome e à pobreza seja implementado. Mas que para o fazer não se sobreponha aos interesses dos mais pobres de Moçambique, que tudo não seja justificado em nome deles e muito menos contra povo, seja partidariamente seu ou contra si.©Publicado no jornal moçambicano O Observador, edição nº 160, de 21 de Fevereiro de 2007 sob o título "Governo combate os pobres e não a pobreza" (edição em PDF por assinatura)